



A faca

Debate Crise e alternativas José Miguel Pinto dos Santos

A crise foi causada. Possivelmente foi causada inconscientemente, mas foi sendo construída paulatina e inexoravelmente ao longo dos anos. A situação atual deve-se ao Estado ter emitido mais e mais dívida cada ano que passava. E o Estado teve de emitir mais dívida porque as suas despesas foram sempre superiores às receitas. Qual foi o ano, qual foi ele, em que o Estado português conseguiu pela última vez ter contas equilibradas?

O problema não está nas receitas. Há muito que o Estado português consegue em impostos e contribuições para a Segurança Social uma proporção do produto interno bruto muito superior ao que a grande maioria dos Estados modernos e democráticos consegue. Segundo um estudo recente da PwC esta proporção é superior à da Finlândia, da Suécia, da Dinamarca, da Noruega e da Islândia. Proporção superior ao que o Estado hoje nos cobra, em tempo de paz só se encontra em tiranias feudais asiáticas. Toyotomi Hideyoshi (1536-1598) estabeleceu no Japão, em 1589, que dois terços do produto seria para o Estado e um terço para os produtores, mas na prática nem ele nem os seus sucessores conseguiram alguma vez atingir estes valores, ficando-se pela metade. Tal como hoje em Portugal.

O problema está na despesa. A despesa do Estado é enorme. Pior: é desfocada. Qualquer razão é boa para o Estado gastar dinheiro, seja para tapar um buraco no BPN, seja para abrir outro num estádio em Leiria. A solução para a crise não está no cortar. No entanto, sem cortar na despesa não há solução. Mas cortar onde? Esta é uma questão difícil, mas é política. A teoria económica, não tendo sido eleita pelo povo, não tem legitimidade para lhe responder. Mas poderá pelo menos apresentar duas metodologias que poderão ser seguidas.

Uma é escolher um momento no passado recente, em que o desequilíbrio orçamental não tenha sido patológico, e olhar para a despesa pública. Faltará aí algum serviço público que seja indispensável para o bem-estar da nação? Não? Então esse é Orçamento de que precisamos agora. Com as receitas que o Estado tem hoje o problema orçamental fica resolvido.

Outra é olhar para a estrutura administrativa do Estado e começar a cortar pelo que é menos necessário. O Instituto do Faz-Que-Faz é mesmo estratégico? A Direcção-Geral dos Amigos e Clientes é mesmo estruturante? Que valor acrescenta a Secretaria de Estado da Patetice? E o Ministério da Palhaçada dá-nos alegria ou é uma das causas do nosso descontentamento?

Professor de Finanças, [AESE](#)